Revista Brasileira de Educação em Geografia
www.revistaedugeo.com.br
ISSN 2236-3904

MEMÓRIA E LUGAR NAS REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS: implicações no ensino de Geografia por meio das contribuições de Paul Ricœur

Thiago Luiz Calandro
thiago.calandro@ifpr.edu.br

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro/SP, e Professor do Instituto Federal do Paraná (IFPR), Campus de Jaguariaíva/PR.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7448-064X

João Pedro Pezzato
jpezzato@rc.unesp.br

Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor no Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro/SP.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9523-0954

RESUMO

Com o objetivo de compreender os registros espaciais de escolares, alunos do ensino fundamental de uma escola pública de Jaguariaíva, estado do Paraná, Brasil, propomos essa pesquisa. Partimos do pressuposto de que é necessário analisar as produções de alunos ao expressarem significados a respeito dos municípios em que vivem. Consideramos que o estudo de tais registros pode vir a contribuir para o estudo da expressão comunicativa e da produção de sentido espacial registrada por diferentes linguagens. A concepção de conhecimento que permeia esse trabalho atribui relevância aos fatores que consideram o conhecimento como formulado em uma linguagem pública e compartilhável às experiências coletivas e sociais. Uma série de atividades foi desenvolvida por alunos dos sextos e sétimos anos, orientados para produzirem textos, escritos e imagéticos, que representassem a localidade em que vivem em seus contextos geográficos, por diferentes escalas. Foi adotada a perspectiva da pesquisa qualitativa, com o emprego de um caderno de registro das atividades de campo, além da análise documental para interpretação do fenômeno, mediante a observação de sinais e indícios (Ginzburg, 1989). As produções dos alunos foram tratadas como gênero textual que materializaram interesses para interpretar o presente, expressar experiências sensoriais e registrar narrativas significativas da memória. Os trabalhos evidenciam, também, noções de geograficidade carregadas de planos para o devir que podem, por sua vez, reverberar tanto na dimensão individual de ações, quanto na de protagonismo comunitário e social.

PALAVRAS-CHAVE

Memória, Lugar, Ensino, Geografia.

MEMORIA Y LUGAR EN LAS REPRESENTACIONES ESPACIALES:
implicaciones en la enseñanza de la Geografía por medio
de las contribuciones de Paul Ricœur

RESUMEN

Con el fin de comprender los registros espaciales de los escolares, alumnos de la escuela primaria de una escuela pública en Jaguariaíva, estado de Paraná, Brasil, proponemos esta investigación. Partimos del supuesto de que es necesario analizar las producciones de los estudiantes al expresar significados sobre los municipios en los que viven. Consideramos que el estudio de tales registros puede contribuir al estudio de la expresión comunicativa y la producción de significado espacial registrado por diferentes lenguas. La concepción del saber que impregna este trabajo atribuye relevancia a los factores que consideran el saber formulado en un lenguaje público y compartible a las experiencias colectivas y sociales. Se desarrolló una serie de actividades por parte de los alumnos de sexto y séptimo grado, a quienes se les instruyó producir textos, escritos e imágenes que representen la localidad en la que viven en sus contextos geográficos, a diferentes escalas. Se adoptó la perspectiva de la investigación cualitativa, con el uso de un cuaderno para registrar las actividades de campo, además del análisis de documentos para interpretar el fenómeno, a través de la observación de señales e indicaciones (Ginzburg, 1989). Las producciones de los estudiantes fueron tratadas como un género textual que materializa intereses por interpretar el presente, expresar experiencias sensoriales y registrar narrativas significativas desde la memoria. Las obras también muestran nociones de geografia cargadas de planes de futuro que pueden, a su vez, repercutir tanto en la dimensión individual de las acciones como en el protagonismo comunitario y social.

PALABRAS CLAVE

Memoria, Lugar, Enseñando, Geografía.

Introdução

Paisagem e lugar são duas das categorias fundamentais para o ensino da geografia na escola básica, juntamente com as de território, espaço e região. Nessa perspectiva, foram realizadas atividades com alunos do ensino fundamental em escolas públicas do município de Jaguariaíva, Paraná, Brasil, com o objetivo de compreender os registros espaciais de escolares por meio de análises de narrativas de memória e de produção de textos e desenhos. O município localiza-se no estado do Paraná, região geográfica sul do país, na região histórica dos Campos Gerais, no segundo planalto paranaense e ocupa uma área 1453km². Conta com uma população de aproximadamente 32.606 habitantes, conforme dados demográficos de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cuja maioria reside na área urbana.

A história oficial registra sua origem:

> No início do século XVII, bandeirantes paulistas e tropeiros de gado fizeram as primeiras penetrações na região que constitui o território de Jaguariaíva. Essas entradas realizaram-se através do histórico Caminho de Sorocaba que de São Paulo conduzia a Viamão, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. O nome da cidade é referência ao Rio Jaguariaíva que corta o município e consta em antigos mapas cartográficos. (IBGE, 2010, s./p.).

Jaguariaíva pertence à região geográfica centro-sul do estado do Paraná, integrando o núcleo regional de Ponta Grossa, que corresponde basicamente à área que o IBGE define como Mesorregião Centro-Oriental Paranaense, formada por 18 municípios (Castro, Piraí do Sul, Arapoti, Jaguariaíva, Sengés, Ortigueira, Palmeira, Porto Amazonas, São João do Triunfo, Carambeí, Ipiranga, Ivaí, Ponta Grossa, Imbaú, Reserva, Telêmaco Borba, Tibagi e Ventania). A mesorregião se caracteriza por possuir a maior proporção de áreas ocupadas por matas e florestas dentre as regiões do estado do Paraná, com cerca de 34,2% de área ocupada (EISFELD et al., 2018). Tais elementos característicos de sua posição regional atribuem as especificidades de sua configuração espacial que, por sua vez, são responsáveis pela seleção de conteúdos geográficos escolares trabalhados nesta pesquisa. Além disso, a situação geográfica, mais que sua localização e sua história, desenha sua constituição, com suas características específicas, no tempo e espaço nacional e internacional.

No que diz respeito à organização da pesquisa empírica, a escolha das unidades escolares que integrariam a pesquisa foi feita a partir da observação da localização dos estabelecimentos no interior da malha urbana do município, como apresentado na síntese do quadro 1.

Para tanto, nosso texto apresenta um recorte de atividades realizadas em uma pesquisa mais ampla, desenvolvida entre 2015 e 2020, no qual se registra a análise de uma série didática realizada na unidade mais antiga do município, a Escola Estadual "Rodrigues Alves".

Todas as etapas de atividades didáticas trataram do Tropeirismo, da Ferrovia, das Indústrias Matarazzo e da Indústria madeireira, entendidos como ciclos importantes para a configuração espacial da localidade. As atividades foram realizadas nas três escolas e em três classes que integraram o projeto, contemplando 68 alunos. Contudo, este estudo recupera os trabalhos obtidos na classe abarcada pela unidade escolar "Rodrigues Alves". As contribuições de Paulo Freire (1996, 1975), orientaram a proposta de ensino, com a perspectiva de educação problematizadora.

As atividades foram consideradas pelos responsáveis das unidades como opcionais e, assim, não eram exigidas pelos professores titulares de sala. Dessa forma, elas foram consideradas como complementares à regulamentação curricular oficial, portanto, os alunos e alunas tinham a opção de produzir ou não algum material referente a cada tema tratado. Tal fato acarretou: 1) em produções que oscilavam entre a maior ou menor adesão na entrega de algum trabalho para os integrantes da pesquisa e; 2) na inconstância de presença de alunos em cada dia de aula/dia de trabalho de campo.

Quadro 1: Aspectos gerais das unidades escolares selecionadas pela pesquisa em Jaguariaíva-PR

Unidade Estadual	Localização no município	Data de fundação	n.º total de alunos na unidade	n.º de alunos na sala
Anita Canet	Periferia	1978	500	27
Rodrigues Alves	Centro	1949	1000	25
Nilo Peçanha	Periferia	1969	900	28

Elaboração: CALANDRO, 2020

Considerando o recorte da pesquisa realizada nas três unidades escolares, a primeira parte do texto refere-se aos estudos de base teórica que sustentam a investigação em um sentido geral e que dizem respeito à relação entre memória e espaço a partir do círculo hermenêutico da memória, conforme indicado por Paul Ricœur (1997).

Como apontado anteriormente, caracterizado como um recorte de pesquisa mais ampla, o segundo momento deste texto apresenta uma análise dos resultados das atividades realizadas na Escola Estadual "Rodrigues Alves", localizada na região central de Jaguariaíva.

Por último, é feita uma articulação entre os trabalhos dos alunos e as contribuições teóricas e metodológicas de campos diversos das ciências humanas e sociais, entre elas as da Geografia, do ensino e da Filosofia. No último caso, merecem destaque as contribuições de Paul Ricœur (1997, 2007).

Aproximações teóricas: memória e espaço/lugar

A principal contribuição teórica empregada para uma leitura das produções dos alunos foi a de Paul Ricœur (1997, 2007), em especial em seu livro intitulado *A memória,*

a história, o esquecimento (2007), cujo fio condutor é a escrita da história de acordo com a definição lexical da história como historiografia.

A complexidade da obra publicada em francês em 2000 e em português em 2007, exigiu que o autor inserisse a cada capítulo um recurso denominado "notas de orientação". As partes dois e três são precedidas também de um prelúdio que tem a intenção de apresentar a tensão entre memória e história e história e existência.

A parte dois da obra é dedicada à epistemologia do conhecimento histórico e se apresenta como uma das mais diretamente vinculadas à discussão deste trabalho. Dividida em cinco seções, faz referência ao espaço, à Geografia para sua construção argumentativa e, assim, justifica nossas incursões pelas contribuições do autor, cujas denominações são: 1) o espaço habitado; 2) o tempo histórico; 3) o testemunho; 4) o arquivo e; 5) a prova documental. Para o autor, o espaço é o meio de inscrição das oscilações mais lentas que a história conhece e, nesse sentido, aponta o espaço habitado como fenômeno que revela uma relação intrínseca com a memória, outro conceito fundamental das reflexões do autor:

> Ao passar da memória à historiografia, mudam de signo conjuntamente o espaço no qual se deslocam os protagonistas de uma história narrada e o tempo no qual os acontecimentos narrados se desenrolam. [...] É em conjunto que o aqui e o lá do espaço vivido da percepção e da ação e o antes do tempo vivido da memória se reencontram enquadrados em um sistema de lugares e datas do qual é eliminada a referência ao aqui e ao agora absoluto da experiência viva. (RICŒUR, 2007, p. 156).

Ainda em suas palavras,

> As lembranças de ter morado em tal casa de tal cidade ou de ter viajado a tal parte do mundo são particularmente eloquentes e preciosas; elas tecem ao mesmo tempo uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas; nessas lembranças tipos, o espaço corporal é de imediato vinculado ao espaço do ambiente, fragmento da terra habitável, com suas trilhas mais ou menos praticáveis, seus obstáculos variadamente transponíveis; [...] nosso relacionamento com o espaço aberto à prática tanto à percepção. (RICŒUR, 2007, p. 157).

Em *Tempo e Narrativa I* (1997), o autor propõe uma interpretação a respeito da construção da narrativa historiográfica mediante um processo denominado de "círculo hermenêutico". A hermenêutica proposta por Paul Ricœur tem por asserção o exame das relações entre *um texto e o viver*. Fiel à tradição que faz da hermenêutica uma "ciência sobre o outro", a hermenêutica de Ricœur procura relacionar diferentes componentes - os produtores de textos e os leitores (ou os artistas e os consumidores de arte) – em um

mesmo lugar de importância, integrando-se todos em um movimento criador que parte do vivido e retorna a este mesmo vivido. (BARROS, 2021).

O "Círculo Hermenêutico" apresenta três momentos (uma estrutura trifásica e móvel que retorna sobre ela mesma) e estes são denominados de mimeses, uma vez que considera cada um dos três momentos como instâncias criadoras que colocam em ação o poder humano da imaginação e da representação do mundo. (BARROS, 2021).

Em linhas gerais, as três mimeses consistem em três estágios de como é possível estabelecer a mediação entre a narrativa e o tempo, a partir da experiência humana que, por sua vez, é mediada pela linguagem. Para melhor explicar esse movimento, Ricœur (1997) faz uma analogia das três mimeses com o movimento de um rio. A primeira (I) mimese - *prefiguração* - seria a montante e a terceira (III) mimese - *refiguração* - a jusante de um rio, enquanto a segunda (II) mimese - *configuração* – é a que faz a mediação da experiência temporal entre a primeira e a terceira mimeses.

Deste modo, a mimese II seria onde, de fato, configura-se a reinterpretação de fatos, a atualização da memória, o esquecimento, o novo contar da história e o passar da cultura, enquanto as mimeses I e III são integrantes desse processo. A mimese I seria o ponto de partida para a interpretação da experiência humana e a mimese III "é o que fica" no processo entre o ponto de partida e a experiência. Contudo, logo após a refiguração da memória, a mimese III já se torna a mimese I, pois é a partir dessa atualização que iremos interpretar novas experiências. Assim, para Ricœur (1997) "seguimos, pois, o destino de um tempo prefigurado em um tempo refigurado, pela mediação de um tempo configurado." (RICŒUR, 1997, p. 87).

A mimese I, a que está à montante no movimento da memória, consiste na pré-compreensão do mundo pelo sujeito, o que, de certo modo, determina suas ações que são fruto de suas estruturas inteligíveis, de suas fontes simbólicas e de seu caráter temporal. A inteligibilidade das ações está intrinsecamente ligada a fins que, em certo sentido, podem revelar o seu estado de consciência e a forma de um indivíduo pensar. Contudo, esses agentes - estruturas, fontes simbólicas e o tempo - sofrem mudanças a partir de acontecimentos históricos, reestruturando os fins e a ação.

A mimese II, ou configuração, é onde o movimento da atividade mimética está em maior intensidade em todo seu percurso (como o fluxo do rio), reestruturando toda configuração narrativa e identitária do indivíduo. Para o filósofo, essa parte da mimese está intrinsecamente relacionada à ficção e à imaginação pois, nela, não estamos preocupados com nossas lembranças com exatidão, nem com o real. Ao narrarmos algo do passado, queremos passar um certo ponto de vista que, pelo nosso estado de

consciência e intenção, está ligado muito mais ao nosso presente do que ao nosso passado.

Ao narrarmos os fatos, vamos contando/formando histórias - a nossa história. Nesse sentido, Ricœur, relata a função mediadora da intriga, sendo: a mediação entre fatos isolados e incidentes dentro de uma história; a mediação tanto entre fatores heterogêneos, quanto agentes, fins, meios, interações, circunstâncias e resultados inesperados e a mediação pela razão de seus caracteres temporais próprios. Este último, ainda dentro do contexto da intriga e também da configuração narrativa, apresenta duas conjunturas temporais, uma cronológica e outra não cronológica. A primeira refere-se à história narrada a partir de episódios e acontecimentos, enquanto a segunda está ligada à própria configuração da memória e da narrativa, transformando os acontecimentos em história. Para Ricœur (1997) "esse ato configurante consiste em 'considerar junto' as ações de detalhes ou o que chamamos de incidentes da história; dessa diversidade de acontecimentos, extrai a unidade de uma totalidade temporal." (RICŒUR, 1997, p. 104).

Assim, uma história só pode ser compreendida dentro de um alinhamento de acontecimentos que auxiliem a justificar um ponto de vista. O arranjo temporal configurante é como se fosse uma linha temporal em que o narrador da história escolhe os acontecimentos que melhor justificam seu ponto de vista, sendo a história contada não por um fato cronológico, mas por um ato reflexivo relacionado a um determinado assunto.

A mimese III é pautada em quatro etapas; primeira: o círculo da mimese; segunda: configuração e refiguração da leitura; terceira: narratividade e referência e; quarta: o tempo narrado. A compreensão da mimese III, a reconfiguração, tem suas origens nas mimeses I e II. Tais etapas são onde a configuração se faz mais presente na mediação entre tempo e narrativa.

O círculo da mimese não é um círculo viciante pois, se assim o fosse, a mimese III remeteria à mimese I, antes que passasse pelo processo de refiguração da memória. Com a mimese II, a mimese I reconfigura-se, abrindo novas possibilidades para a compreensão de mundo e para a configuração da narrativa. O círculo hermenêutico da memória pode ser considerado um círculo pelas suas etapas, mas não pela memória em si.

Nesse contexto, consideramos que as narrativas são apresentações alicerçadas em nossas concepções de mundo, que por sua vez estão intimamente ligadas à nossa memória. Desta forma, o que falamos e não falamos está muito ligado a quem constituímos como indivíduos. Se o círculo da memória se altera, também se alteram

nossas referências de vida, logo, nossa narrativa sobre o mundo também e, por fim, a constituição do indivíduo.

Diante da capacidade do ciclo da memória alterar quem somos fica, também, alterada a forma como narramos o tempo. O arranjo temporal configurante é pautado por nossas visões de mundo e, assim, cotidianamente temos diversas experiências que alteram nossos estados de consciência. Logo, para justificar um assunto ou dar um ponto de vista a uma história, fazemos uma reflexão sobre o tempo em relação a um objetivo; assim, consideramos o tempo não como um acontecimento – cronológico, factual - mas como parte da história - não cronológica.

Neste processo, lembramos e esquecemos para sermos o que somos até aqui e até agora. A memória determina a forma do nosso pensamento até que ocorra um acontecimento que significa, que passe a fazer parte de nossa história e fique ligado a algo de nosso interesse, renovando o ciclo da memória. Neste processo, lembramos e esquecemos para sermos o que somos até aqui e até agora. A memória determina a forma do nosso pensamento até que ocorra um acontecimento que significa, que passe a fazer parte de nossa história e fique ligado a algo de nosso interesse, renovando o ciclo da memória.

Se é no tempo que as memórias são marcadas, no espaço é que elas acontecem. Para compreender a relação memória, espaço e narrativa, Paul Ricœur, em *Arquitetura e narrativa* (2021) e em *A memória, a história, o esquecimento* (2013), faz um alinhamento da temática do espaço com o movimento da memória e suas etapas com o tempo - prefiguração, configuração e refiguração.

Para o filósofo, se o tempo narrativo deriva do tempo cosmológico e do tempo fenomenológico, o espaço se constitui da dialética do espaço cartesiano com o espaço vivido, dando origem ao espaço habitado e que se dispõe na arquitetura. O espaço habitado é fruto da ação de construir. Por isso, a arquitetura conta muito sobre a memória de um indivíduo ou comunidade. O ato de construir está para o espaço assim como o ato de narrar está para o tempo. Espaço e tempo estão alinhados nessa dialética.

Em relação ao movimento da memória, a arquitetura se equivale da configuração do tempo. Contudo, o espaço construído também é calculável como espaço geométrico, mas é ao mesmo tempo palco da experiência humana, acumulando histórias que duram (nem sempre) na matéria no qual o constitui, mas na memória humana. Esses espaços, sejam eles de circulação ou de fixação, são organizados pelas sociedades em uma espécie de sistema de sítios que servem de referência para as mais importantes interações da vida humana.

Em uma relação entre espaço e arranjo de configuração da narrativa, Paul Ricœur aponta:

> A narratividade impregna mais diretamente ainda o ato arquitetural na medida em que este determina em relação com uma tradição estabelecida e se arrisca a fazer com que se alternem renovação e repetição. É na escala do urbanismo que melhor se percebe o trabalho de tempo e espaço. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximações e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas. (RICŒUR, 2013, p. 159).

No contexto do ensino da Geografia, a análise da relação entre memória, tempo e narrativa e, também, memória, espaço e narrativa, dá uma pista para que o processo de ensino seja articulado com as experiências da vida cotidiana. Nesse sentido, o conteúdo escolar é tratado em sua relação com a configuração do espaço na sociedade e o ensino em sua dimensão problematizadora.

Para inserir a problematização no contexto da memória, destacamos o conceito de intratemporalidade que Ricœur recupera a partir de suas leituras de Heidegger. O autor coloca: "a intratemporalidade é definida por uma característica de base de inquietação: a condição de ser lançado entre as coisas tende a tornar a descrição da temporalidade dependente da descrição das coisas da nossa inquietação." (RICŒUR, 1997, p. 98). Dessa maneira, a intratemporalidade se constrói na reflexão sobre o cotidiano a partir das angústias que sentimos naquele momento e ajuda na compreensão de que, a relação da memória com o tempo e espaço, não são lineares e tampouco sucessivos "aquis" e "agoras".

As inquietações provêm dos acontecimentos que configuram a mimese II que, por sua vez, é responsável pela reconstrução da memória. Assim, a inquietude provém da desestabilização da memória e exige mais reflexão para uma possível compreensão de mundo. Contudo, com a estabilização e síntese da memória, a inquietude vai perdendo potência e influência em nossa visão de mundo pela dinâmica de acontecimentos que a vida nos impõe. Deste modo, entendemos que uma contribuição da memória para o ensino de geografia é auxiliar o aluno a compreender suas inquietações que são construídas em relação ao espaço e ao tempo.

Nessa perspectiva, a atividade docente é tratada no prisma freiriano, pelo qual o ensino promove a problematização. Como aponta Paulo Freire:

> [...] ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior – o de conhecer, que implica em re-conhecer. No fundo, o que eu quero dizer é que o educando se torna realmente educando quando e na medida em que conhece, ou vai conhecendo o pensar sobre o fazer; [...] o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p. 42).

A problematização, mediante o estudo da localidade, pode contribuir para a promoção do ensino que busca apresentar aos alunos a razão de ser do objeto que se estuda:

> [...] a educação problematizadora, de caráter autenticamente reflexiva, implica num constante ato de desvelamento da realidade. Quanto mais problematizam, os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados. E quanto mais desafiados, mais obrigados a responder ao desafio, e desafiados eles vão compreender o desafio da própria ação de captar o desafio. E precisamente porque captam o desafio como um problema em suas conexões com os outros num plano de totalidade, não como algo já petrificado, algo já definido, a compreensão tende a tornar-se conscientemente crítica e por isso cada vez mais desalienada. (FREIRE, 1975, p. 42).

Voltando a Ricœur, a memória, como fruto do cotidiano, permite uma visão da micro-história dos movimentos e estes podem ser atrelados aos conteúdos da Geografia escolar, ao ensino. A memória originária e produzida no mundo vivido, mundo fenomênico, afeta o lugar - como conceito geográfico - e se dissemina em diversas escalas espaciais.

O movimento da memória, junto com a reflexão do tempo e do espaço, remete a temporalidades e a espacialidades que nos marcam por terem sido construídas no aqui e agora. Assim, compreender o espaço vivido e habitado pelo aluno, e entender o que ele tem a dizer sobre algo, pode facilitar a intervenção docente na tarefa de mediar o conteúdo escolar. Tal perspectiva, que atrela o estudo da localidade à geografia escolar e o espaço vivido pelos sujeitos com a vida dos educandos, pode ser uma proposta instigante.

Nesse raciocínio, o círculo hermenêutico de Ricœur pode contribuir ao se pensar que a história não é somente o que aconteceu, mas a compreensão sobre os modos e os porquês as coisas aconteceram de uma forma e não de outra.

Ao discutir os caminhos da hermenêutica e da epistemologia da História na obra de Ricœur, Melo (2010) faz uma interlocução com os escritos do autor francês ao apontar a riqueza de se pensar a produção de sentido na construção ou escrita da história e na produção do esquecimento:

> Os caminhos da hermenêutica de Ricœur nos conduzem, como ele mesmo reconhece, para "os confins de uma ontologia do seu histórico", o que para nós equivale a abrir as portas de novas problemáticas hermenêuticas que, a princípio, não são muito fáceis de serem debeladas. Como pensar em um "ser histórico", sem cair nos abismos de um essencialismo atemporal? Por outro lado, é isso que insinua Ricœur quando reconhece em suas reflexões as margens de certa ontologia? O caminho sempre será muito árduo. (MELO, 2010, p. 116).

A prefiguração da memória - mimese I - está relacionada com nossas referências para a compreensão de novas experiências que possam nos ocorrer. Desta forma, a própria compreensão e visão de mundo está ligada a esse ciclo da memória que, por sua vez, reverbera na maneira como a expressamos a partir da narrativa.

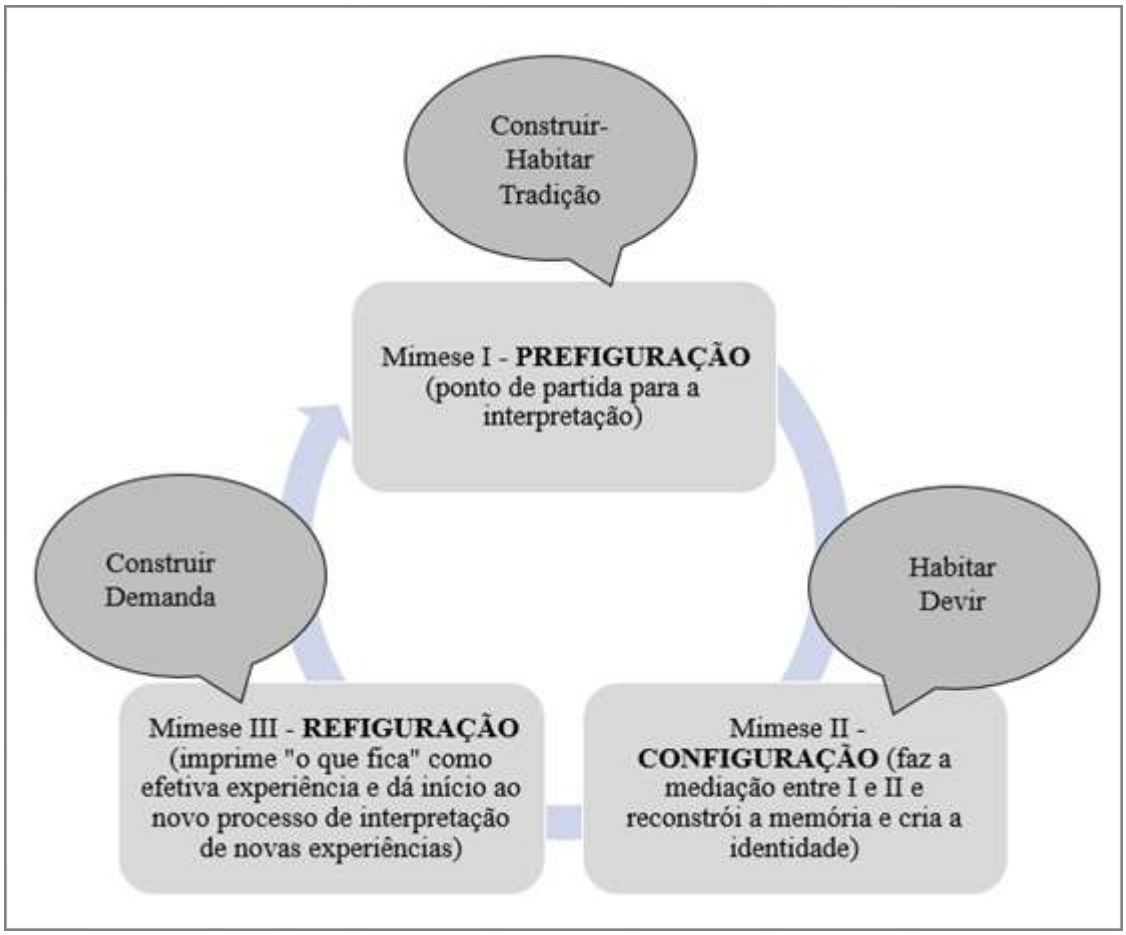


Figura 1: Termos do círculo hermenêutico da memória de
Paul Ricœur e sua relação com o espaço
Elaboração: CALANDRO e PEZZATO, 2022

Para Ricœur (1994), o alinhamento entre memória-tempo e memória-espaço no estágio de prefiguração está na relação construir-habitar. Não se separa a prefiguração

dessa relação porque construir está relacionado à configuração (mimese II) e habitar ao ato de refiguração (mimese III). Como o ato de construir é fundamental para habitar e o ato de habitar revela ou traz a necessidade de construir, partiremos desta relação para a apresentação dos fundamentos do processo de ensino realizado na Escola Estadual "Rodrigues Alves".

Se por um lado os acontecimentos que ganham significado alteram o tempo narrativo, por outro, os acontecimentos que intervêm na disposição do espaço alteram a relação da memória com o espaço. Para o autor:

> [...] o espaço construído é uma espécie de misto entre lugares de vida que rodeiam o corpo vivo e um espaço geométrico de três dimensões, no qual todos os pontos são lugares quaisquer. Ele também é, poder-se-ia dizer, ao mesmo tempo talhado no espaço cartesiano, no espaço geométrico, onde todos os pontos podem ser, graças às coordenadas cartesianas, deduzidos de outros pontos, e lugar de vida, sítio. À semelhança do presente, que é o centro do tempo narrativo, o sítio é o centro do espaço que se cria, que se constrói. (RICŒUR, 2021, p. 153).

O conceito "habitar-construir" discutido por Paul Ricœur alinha-se aos conceitos de lugar e paisagem: o lugar como espaço de vida e o de paisagem como construções desses espaços, os quais o filósofo denomina de *sítios*. Sua filosofia é uma escrita da história e uma
escrita geográfica.

Os sítios, como espaço da construção e do habitar da vida humana, muitas vezes, estão ligados ao familiar e ao nostálgico, que levam ao pensamento de fixação em um determinado espaço. Contudo, existem as operações de circulação, de ida e vinda, de movimento da vida humana, onde elas se encontram e se desencontram com esses espaços. Na relação narrativa-espaço, os movimentos construídos e habitados são coexistentes com percursos de lugar da vida humana, contando sua dinâmica e seus contextos.

Em Ricœur o termo lugar é concebido como "espaço público de manifestação", não apenas como espaço metafórico de palavras trocadas, mas o espaço material e terreno. Um espaço que serve tanto para a fixação, quanto para a circulação. O autor concebe o espaço como sendo construído por um sistema de gestos, de ritos para as interações maiores da vida (RICŒUR, 2021) e adverte que o sentido por ele atribuído ao "espaço público de manifestação" é o mesmo cunhado por Hannah Arendt; tomando-o como base, o autor define o termo lugar:

> Os lugares são localizações onde qualquer coisa acontece, onde algo chega, onde mudanças temporais seguem trajetos efetivos ao longo dos intervalos que separam e ligam os lugares. Guardei em mente a ideia de chronotopo, construída por Bakhtin, com o topos - o lugar, o sítio e, cronos, o tempo. Com isso, eu gostaria de mostrar que aquilo que se constrói em minha exposição e em nossa história é justamente esse espaço-tempo contado e construído. (RICŒUR, 2021, p. 155).

O lugar não é apenas uma relação com o espaço, mas uma relação da vida humana com o espaço e com o tempo, onde se cria uma representação na qual coexiste sua história de vida sobre um determinado espaço. Assim, como o tempo narrado não se constitui de sucessivos *agoras*, o lugar não se trata de sucessivos *aquis*. O lugar, junto ao tempo narrado, auxilia no contar das trajetórias de vida e serve para a compreensão de novas dinâmicas espaciais.

Ao afirmar que "o espaço construído é o tempo condensado" o autor contribui para esclarecer o sentido atribuído à relação entre "tempo" e "espaço". O ato de habitar se apoia em transformações constantes dos espaços. E tais transformações ocorrem mediante melhorias ou modificações advindas de ações imputadas pelos que vivem nos espaços. "Um espaço construído é um espaço cristalizado, um espaço que leva consigo uma história e uma ideia." (RICŒUR, 2021, p. 157).

A cidade é feita dessa forma, um adensamento e uma sedimentação de espaços construídos que abrigam vidas que, por sua vez, alicerçam-se no que é representado para contar a história. A construção da cidade pode estar ligada a contextos maiores que, por sua vez, se alinham a questões sociais e políticas que têm, em suas origens, atores hegemônicos distantes da realidade das histórias dos que os habitam. Desta forma, é na nova construção que o ato de configurar se coloca, sendo no fazer do ato que se ganha a noção de tradição e de inovação do espaço. Nesse sentido, Ricœur aponta:

> E, na medida que o contexto construído guarda em si o traço de todas as histórias de vida que forjaram o ato de habitar dos outros citadinos de outrora, o novo "configurador" projeta novas maneiras de habitar que virão se inserir no emaranhado dessas histórias de vidas já realizadas. Uma nova dimensão é, assim, dada à luta contra o efêmero: ela não está mais contida em cada edifício, mas entre suas relações. (RICŒUR, 2021, p. 158).

Considerando ainda o ato de construir e a relação do habitante com o novo espaço, o filósofo francês chama-nos a atenção para o papel de construtor ou de ator cultural que ele representa. Ele pode ser muito essencialista e não estar ligado às alterações, expectativas e necessidades apontadas para o ato de habitar, mas representa um estilo, uma ideologia ou nenhuma ideologia, sedimentando as formas culturais que habitam o espaço. Assim, o espaço construído abre portas para a monumentalidade, que

sempre representa uma ideia, uma data e uma identidade que, muitas vezes, é interpretada de maneira essencialista. Essa forma de construir pode, também, alterar o rumo da maneira de habitar e de construir das pessoas de determinado espaço.

O ato de refiguração espacial está na nova forma de habitar que se faz na reflexão sobre as nossas histórias e de como mudamos, considerando o tempo e o espaço que vivemos e habitamos até o aqui e agora. Contudo, o ato de habitar não é imutável; assim como no processo de prefiguração, ele está ligado aos acontecimentos. Mesmo outras comunidades ou grupos podem melhor se encaixar, ou não, nesse novo habitar. Desta forma, ao novo acontecimento ou uma reivindicação, o habitar pode ser posto à prova, podendo gerar novas exigências, tendências e expectativas de construção que surgem iminentemente da comunidade e do grupo.

O movimento da memória e o espaço sempre gera a necessidade do fazer espacial, tanto em suas relações, quanto em sua disposição, criando movimentos constantes. Assim é o lugar, como coloca Ricœur, um espaço de movimentos entre vidas, que habitam e constroem de acordo com suas expectativas e demandas. Nesse movimento, muitas histórias se encontram e se desencontram, alterando o significado para quem habita esse lugar.

Uma outra contribuição da memória, agora com um viés mais operatório, é o presente como ponto de partida para o ensino, mas aqui, mediado pela contribuição anterior, que é dar um teor geográfico à memória. Nesse sentido, no âmbito das intervenções propostas para o ensino da geografia, com destaque para o estudo da localidade, partimos dos conceitos de *paisagem* e de *lugar*, cuja contribuição compreende o círculo hermenêutico da memória em Paul Ricœur como proposta epistemológica adotada. Como visto, somos o que somos porque lembramos e esquecemos, moldando nossas demandas e expectativas temporariamente. Assim, o presente é o momento de uma síntese estável que expressa a nossa visão de mundo e dá sentindo ao futuro, ao passado e à vida a partir dele. Nessa perspectiva, podemos atrelar as ideias didáticas e pedagógicas de "conteúdos significativos" aos processos operatórios de "partir da realidade dos alunos".

A paisagem e o lugar estabelecem-se como um ponto fundamental para o ensino da geografia a partir da relação memória-espaço. Em um paralelo com o círculo hermenêutico da memória, o espaço se prefigura, configura e reconfigura a partir dos atos de habitar/lugar e construir/paisagem. Tais atos se fundamentam na tradição, na demanda e na expectativa dos grupos para se constituir. Assim, pensar a memória

geograficamente a partir do presente (paisagem e lugar) pode ser o "fio da meada" para a compreensão dos fenômenos espaciais.

Para Anhorn (2012) entender o passado como tradição e não como algo morto é uma maneira de presenciar o passado, podendo auxiliar o aluno a se localizar e a repensar soluções não pensadas ou subjugadas - atrelada ao pensamento geográfico da época. O presente, em vez der ser compreendido como algo dado e imutável, pode ser compreendido como processual e tensionado pelas várias geometrias do poder existentes. O futuro deixa de ser algo utópico, mas aberto às expectativas e limites atrelados ao presente ou de um acontecimento que dê outros desdobramentos; novamente, como visto, somos o que somos porque lembramos e esquecemos, moldando nossas demandas e expectativas temporariamente.

Narrativas das paisagens de Jaguariaíva-PR: representações de alunos da Escola Estadual "Rodrigues Alves"

Como registrado anteriormente, em 2014 foi programada uma série de atividades para os alunos do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual "Rodrigues Alves", localizada na área central de Jaguariaíva-PR. Tais atividades tiveram como objetivo promover um estudo da localidade e, nesse texto, o foco de análise incide sobre os trabalhos de 25 alunos da respectiva unidade escolar.

O conteúdo selecionado para as atividades destacou aspectos da configuração espacial do município entrelaçados aos temas selecionados pelo currículo oficial da Geografia escolar brasileiro. No que se refere ao específico do município, foi destacado o Tropeirismo, a Ferrovia, as Indústrias Matarazzo e a Indústria madeireira. Quanto ao currículo oficial, o município foi localizado e apresentado em relação às categorias da Geografia, sua configuração espacial, aspectos da paisagem, como relevo, vegetação e clima no contexto regional e nacional.

Cinco etapas de atividades foram trabalhadas com os alunos, a saber:

1. *A visita do professor de História*. A atividade envolveu a participação de um convidado, o professor Rafael Pomim, que trabalhou com narrativas da história da configuração do espaço do município. No caso, o convidado é um historiador que desenvolve pesquisas históricas na cidade e região;

2. *Meu bairro na atualidade*. Os alunos foram orientados a produzirem mapas mentais, por meio de desenhos e textos, do cotidiano do bairro onde vivem;
3. *A entrevista*. Os moradores antigos dos bairros foram entrevistados pelos alunos que, posteriormente, produziram material no qual registraram os depoimentos advindos das entrevistas;
4. *Minha Jaguariaíva em relação a...* Alguns temas recorrentes no contexto da vida urbana foram propostos para reflexão, como: cidade e violência, cidade e campo, cidades e problemas sociais e ambientais, cidade e governo, cidade e futuro e cidade e lazer;
5. *Jaguariaíva em fotos*. Foram selecionadas 40 fotos de um banco de dados oficial do município de Jaguariaíva, que retratavam aspectos locais significativos, como os pontos turísticos, naturais, a história, a cultura e a economia.

O termo *Tropeirismo* está relacionado à expressão *tropa*, empregada para designar um conjunto constituído por homens que transportavam gado e mercadorias nas terras brasileiras durante os séculos XVIII e XIX. Foi uma importante atividade comercial, principalmente para o Brasil meridional, à qual Jaguariaíva juntou-se ao estabelecer-se como ponto geográfico estratégico numa das mais importantes rotas existentes, denominada de Caminho de Viamão. Para Silva (2005), a atividade tropeira, junto ao comércio da erva mate, ajudou a colonizar não apenas a região dos Campos Gerais, faixa do segundo planalto do estado paranaense, mas também o Brasil meridional. Como aponta o autor:

> A atividade tropeira propiciou oportunidades de enriquecimento e ascensão social, sobretudo com o uso continuado de determinados locais - principalmente as pousadas. Estas se transformaram em posições fixas incorporando a presença dos mais variados prestadores de serviços, tais como ferreiros, artífices especializados nos cuidados dos couros, aguadeiros, invernadas de pasto, celeiros, cordoeiros, entre outros. (SILVA, 2005, p. 109).

Como o movimento do Tropeirismo se apresenta com duração histórica secular, as manifestações culturais inserem-se no cotidiano do município e, de certo modo, os alunos da cidade, que já nasceram na consolidação do movimento, tratam o fenômeno como acabado, sem refletir sobre ele. A intensidade da inserção desta representação em cada habitante do município depende do quanto este se relaciona com as materializações disponíveis, a exemplo da participação no Centro de Tradições Gaúchas,

do alcance interno das crenças, das danças, dos costumes que, normalmente, se consolidam sob a influência do âmbito familiar.

No município de Jaguariaíva, existe um monumento que representa o período histórico em questão, o *Monumento ao Tropeiro*. Para Le Goff (1990) "o monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos." (LE GOFF, 1990, p. 536).

O município fica na região em que a Escarpa Devoniana é circunscrita na paisagem. Ela é uma Área de Proteção Ambiental (APP) que compõe uma das unidades de conservação que mais protege os Campos Gerais do Paraná, que consiste em um tipo de vegetação de espécies de campos naturais e de cerrados. Além disso, áreas de reflorestamento têm, também, marcado a paisagem local e, no entanto, o destaque das atividades propostas para os alunos é dado para as edificações, iniciadas nas primeiras décadas do século XX, dos empreendimentos Matarazzo.

A Ferrovia e as Indústrias Matarazzo são fenômenos construídos no município no início do século XX e a indústria madeireira, no final do século XX. Essa última atividade econômica permanece até os dias atuais em Jaguariaíva e tem uma relação direta com a oferta do escoamento da produção via ferrovia. A presença dos rios com corredeiras e quedas d'água, característicos da região do segundo planalto paranaense é, igualmente, explorada economicamente para a produção de energia elétrica.

Para início das atividades com a temática da Ferrovia e das Indústrias Matarazzo, foi empregada a leitura de imagens, considerando que elas são cada vez mais adotadas como texto, como fonte de uso metodológico para o ensino.

Como imagens, foram resgatadas a pintura "A Gare" (1925), de Tarsila do Amaral e uma fotografia do condomínio que abrigou o frigorífico de carne suína e derivados das Indústrias Matarazzo. A palavra francesa *gare* significa estação de trem ou metrô, e foi empregada para nomear a pintura que Tarsila fez observando a paisagem de Jaguariaíva. Sua obra apresenta uma composição constituída por um jogo de peças encaixadas que reúne círculos coloridos, trilhos, vagões, chaminés, postes, casas e árvores formados por elementos geométricos que sinalizam um ambiente urbano na era da máquina, da indústria.

De acordo com Brandão (2007), a construção do prédio que abrigou o frigorífico iniciou-se um ano após a passagem do conde por Jaguariaíva, em 1919, tendo o início das atividades fabris se dado em 1920. As atividades frigoríficas duraram até a década de 1960 e, posteriormente, o prédio abrigou uma tecelagem. Hoje, além de algumas

empresas locais voltadas para manutenção e automação industrial (fenômeno geográfico da indústria da madeira), o condomínio aloca o cinema municipal.

Dos aproximadamente 25 alunos participantes das atividades, 22 (88%) mencionaram em suas produções a Ferrovia como um acontecimento fundamental para o desenvolvimento de Jaguariaíva e 23 (92%) dos participantes mencionaram as Indústrias Matarazzo. Dessa maneira, podemos inferir que as paisagens que remetem a esses fenômenos geográficos permeiam a memória coletiva dos alunos de forma significativa.

Dos 25 alunos participantes da atividade relacionada ao material Jaguariaíva em fotos, 92% mencionaram em seus textos escritos as Indústrias Matarazzo. Como exemplo de narrativa, o quadro 2 apresenta parte das impressões registradas pela aluna A., da faixa etária de 10 a 12 anos, com uma redação rica em detalhes. É possível observar que a reconstrução histórica dos alunos segue semelhante ao conteúdo discutido nas atividades propostas pelos pesquisadores.

Em geral, os alunos produzem narrativas que revelam passividade em relação à história que trata da formação inicial do município; tratam aspectos mais remotos como um acontecimento pouco relevante, e reduzem os sentidos decorrentes do processo de ocupação espacial ocorrido. A despeito de haver monumentos/paisagens no espaço de vivência atual da localidade, os trabalhos dos alunos demonstram, em um primeiro momento, um passado distante que não deixou marcas fundamentais para a composição do tempo presente. Assim, podemos inferir que os elementos que constituem a narrativa, apesar de estarem espacialmente próximos, estão temporalmente distantes.

Quadro 2: Reconstrução de história a partir da narrativa do Professor de História convidado

DESENHO	RELATO
 Representação da aluna A., 2014	"Antigamente Jaguariaíva não era nada, havia somente uma fazenda do Coronel Luciano Carneiro Lobo que morava na Cidade Alta, onde construiu muitas casas e prédios, que estão presentes até hoje em nossa cidade. Depois de um tempo, chegou na cidade a ferrovia, que também trouxe para a cidade muitos benefícios. A partir disso, começou a expandir a cidade baixa. Foram trazidos para cá lojas, mercado, campo de futebol, farmácia e outras coisas mais." [*sic*.] (Depoimento do professor de História) * * * "Em 1922 veio o Conde Francisco Matarazzo, que era rico. Ele tinha empresas pelo Brasil e montou aqui um frigorífico onde ele tinha cerca de 1500 funcionários, e como seus funcionários eram estrangeiros coube a ele criar uma escola para eles aprenderem a nossa língua." [*sic*.] (Relato verbal da aluna A., 2014)

Elaboração: CALANDRO, 2021

No contexto do ensino de Geografia, foram planejadas práticas que empregam o movimento da memória para promover uma reflexão a respeito do tempo e do espaço do município de Jaguariaíva. Foram adotadas as contribuições de Ricœur para análise da produção dos alunos e as de Freire para a concepção de ensino.

As atividades buscaram identificar a relação que a hidroelétrica tem com Jaguariaíva a partir do fornecimento de energia para as instalações atuais que ocupam o condomínio; por sua vez, é observado o processo de construção de equipamentos que passaram a produzir energia elétrica para abastecer o frigorífico e que, atualmente, são utilizados para abastecer pequenas empresas.

Foram mencionados aspectos importantes a respeito das transformações da paisagem, como o complexo de edificações, denominado na localidade como "Condomínio Matarazzo", cuja parte da edificação virou cinema, a estação ferroviária que virou museu e o Palacete Matarazzo. Cabe observar, as obras do frigorífico Matarazzo foram iniciadas em 1918, junto com a construção de um palacete e de mais de 148 moradias para funcionários da empresa.

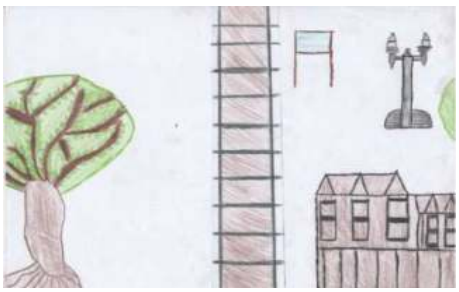
Na quinta atividade, realizada com material denominado *Jaguariaíva em fotos*, ganha destaque a Ferrovia e as Indústrias Matarazzo. Tal atividade teve como objetivo

evocar as memórias e representações dos alunos por meio das fotografias. O material *Jaguariaíva em fotos* é composto por 40 fotografias e, a partir delas, os alunos deveriam fazer representações, em textos ou desenhos, desde imagens selecionadas por eles próprios, as quais, de certa maneira, aludiam a aspectos dos conteúdos geográficos trabalhados nas atividades. Elas traziam imagens correspondentes aos elementos tratados na roda de conversa do professor de história e, também, dos conteúdos temáticos selecionados nas demais atividades.

Constatamos que algumas produções realizadas pelos alunos compunham narrativas que podem ser classificadas em dois momentos, um mais descritivo (Mimese I) e outro mais reflexivo (Mimese III). Tal aspecto da categorização possibilita inferir que foi estabelecido pelos alunos certo significado entre a narrativa e a paisagem da localidade. A primeira parte das narrativas, apresentou-se muito descritiva ou relacionada a práticas espaciais que remetem a uma primeira compreensão a respeito da configuração do espaço do município. Esse processo foi denominado Mimese I (ou prefiguração), momento no qual são construídas referências para compreensão, quando ocorre o início de um processo de interpretação dos fenômenos, como é possível observar no quadro 3, a seguir.

Quadro 3: Narrativas das paisagens – Atividade com fotos

DESENHO	RELATO
 	**MIMESE I** "O Palacete é muito antigo, pois morou lá um italiano chamado Francisco Matarazzo, um cara muito rico que tinha um frigorífico em Jaguariaíva. No seu Palacete ele enxergava seu grande frigorífico que era na rua de baixo; quando sua fábrica estava funcionando saía fumaça da chaminé e quando não saía esta fumaça ele descia para ver o que estava acontecendo no seu frigorífico." * * * **MIMESE III** E agora, por esses anos, sua casa virou um museu histórico que fala sobre a história dos trens, dos trabalhadores e do frigorífico. No natal o papai Noel fica dormindo lá." [*sic*.] (Relato verbal do Aluno A. G., 2014)

 	**MIMESE I** "A antiga prefeitura é muito bonita, era onde os prefeitos decidiam o que fazer de bom para a cidade. Atrás dela tem uma antiga linha ferroviária. Lá, antigamente passava trem." * * * **MIMESE III** "Todo dia 1º de setembro as escolas municipais e estaduais cantam o hino nacional na frente da prefeitura antiga. A antiga prefeitura foi construída entre 1920 e 1930. Ela foi construída para ser uma estação de trem, mas o trem parou de passar e virou prefeitura, mas agora mudou a prefeitura de lugar. Lá dentro da prefeitura dá a sensação de ser pequena, mas agora existe outra prefeitura. Nessa nova prefeitura foi velado o prefeito Otélio Renato Baroni." [*sic*.] (Relato verbal do aluno M., 2014)
 	**MIMESE I** "Eu não tive muitas experiências sobre o Condomínio Francisco Matarazzo, mas minha tia avó (que é responsável por mim) me conta que ela trabalhou lá e que conhece o hoje condomínio como se fosse a palma da mão dela e que por dentro é muito legal e grande." * * * **MIMESE III** "Eu gosto de ir às festas que tem lá na frente." [*sic*.] (Relato verbal da aluna C., 2014)

Elaboração: CALANDRO, 2021

Dentre as produções, as referências ao Palacete Francisco Matarazzo, à antiga estação ferroviária e ao Condomínio Matarazzo foram as mais expressivas. Nos três edifícios, juntamente com a linha de trem, que configuram aspectos emblemáticos da paisagem do município, destacam-se a presença da via férrea e das Indústrias Matarazzo. Foi justamente nessas representações que identificamos o elemento denominado de "herança como inércia", e o início de um processo de tomada de consciência nos registros dos alunos (Mimese I).

No segundo momento, mais reflexivo - (Mimese III) - as narrativas registram os processos de tomada de consciência dos lugares como espaços onde experiências acontecem, onde mudanças temporais são percebidas e histórias coletivas são traçadas. A história dos moradores locais é construída com seus sistemas de gestos, ritos, processos de interações mediadas socialmente. Assim, as atividades propiciaram a criação de sentido para o lugar como "espaço público de manifestação", que é uma construção ao mesmo tempo coletiva e individual. A esse processo denominamos de reconfiguração, a Mimese III.

Com base na leitura do círculo hermenêutico proposta por Paul Ricoeur, a Mimese II, dimensão do arranjo temporal configurante, é pautada em nossas visões de mundo e, assim, cotidianamente temos diversas experiências que possuem a potência de alterar nossos estados de consciência. Entendemos que essa dimensão é interna aos sujeitos sociais e, portanto, impossível de ser situada e registrada, pontualmente de forma exterior, como nas produções dos alunos. Dessa maneira, não é possível ser evidenciada objetivamente essa dimensão.

No entanto, a etapa seguinte, a Mimese III, marca um salto significativo de percepção, com poder de constituição de novos sentidos. Esta mudança é possível de ser aferida em sua realização. No caso da experiência proposta, e com base nos referenciais teóricos selecionados, é possível observar que, após as atividades de ensino registradas no quadro 3 - Mimese I e Mimese III, uma nova identidade com o lugar foi firmada.

Em um primeiro momento – Mimese I - houve o registro descritivo de aspectos importantes da paisagem e, em um segundo momento dos registros – Mimese III – aparecem as relações da paisagem com a vivência dos sujeitos narradores. Esse gesto, ou seja, o deslocamento no percurso do registro representado, pode ser interpretado como uma marca ou indício do reconhecimento de uma tradição histórica impressa na paisagem local e, assim, assinalar que uma tomada de consciência foi construída no processo de estudo da localidade.

A produção dos alunos mostra que um processo de reconhecimento da importância da herança do construto espacial foi dado, a exemplo da compreensão da configuração dos espaços a partir das alterações de suas funções históricas, mediante práticas que atendam às demandas atuais, de um tempo social diferente, como ilustrado pelos dois edifícios tornados museus - lugares de memória. Tais edifícios, incrementam e fortalecem o turismo histórico e de aventura da atualidade do município; parece que eles mesmos - os edifícios como paisagem – passam a representar fenômenos geográficos vinculados à Estrada de ferro e às Indústrias Matarazzo.

Outro elemento importante da herança espacial é constatado com a mudança de destino da produção da usina hidroelétrica do município. Se anteriormente a energia era destinada exclusivamente para o abastecimento do lugarejo dominado pelas propriedades do conde Matarazzo, hoje, o fornecimento passou a sustentar as necessidades de algumas empresas que auxiliam na economia madeireira.

Nesse sentido, os dados levam-nos a inferir que a adoção de propostas de ensino que empregam a reconstrução das histórias, articulada com dispositivos da memória dos alunos, esta articulação pode superar o estudo superficial, acumulativo, passivo, enciclopédico e que não promove a reflexão sobre a temática. A reflexão sobre o espaço depende de seu *domínio e apropriação* (HARVEY, 2009) e, somente a partir destes dois pontos, podemos compreender as demandas e criar expectativas que só se efetivam nas práticas. Contudo, a apropriação e domínio espacial não são simples; as espacialidades configuradas a partir dos múltiplos fenômenos geográficos coexistentes tornam o espaço um acúmulo de histórias, demandas e expectativas onde não se sabe muito bem de onde vêm as influências, nem para onde os acontecimentos caminharão.

A compilação e comparação dos materiais produzidos pelos alunos nas atividades mostraram uma ressignificação da paisagem e do lugar a partir de sua refuncionalização.

Os domínios e as apropriações do espaço são múltiplos e permeados por distintos interesses que coexistem e, muitas vezes, de maneiras contraditórias. Nesse sentido, as relações de poder (micropoder das relações pessoais ou as geometrias do poder em suas múltiplas escalas) e sua intensidade, determinam os atos de habitar. Logo, a compreensão de domínio e apropriação só se efetiva no ato de construir - na paisagem - alterando o espaço e os sentidos a ele atribuídos.

Considerações finais

Em 2014, foi programada uma série de atividades com os 25 alunos do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Estadual “Rodrigues Alves”, localizada na área central do município de Jaguariaíva-PR. Tais atividades objetivaram promover um estudo da localidade mediante o emprego de diversas linguagens, textos com imagens e escritos. O ensino foi entrelaçado com dispositivos de memória que contaram com a produção de registros narrativos das crianças, escritos e desenhos.

O conteúdo selecionado para as cinco etapas de atividades destacou aspectos da configuração espacial do município associado a temas tradicionais do currículo oficial da Geografia escolar. No que se refere ao específico do município, destacaram-se o Tropeirismo, a Ferrovia, as Indústrias Matarazzo e a Indústria madeireira. No que se refere estritamente ao currículo oficial, o município foi localizado e apresentado em relação às categorias da Geografia, sua configuração espacial, a situação geográfica, aspectos da paisagem, como relevo, vegetação e clima no contexto regional e nacional.

As contribuições de Ricœur, como os conceitos de memória, lugar, tempo e espaço, deram base para as análises das produções dos alunos. O lugar, por exemplo, foi entendido não apenas em sua relação com o espaço, mas como instância das relações da vida humana com o espaço e com o tempo, onde se criam representações coletivas de histórias de vida. O lugar é entendido por Ricœur como um espaço de movimentos entre vidas, que habitam e constroem de acordo com suas expectativas e demandas. Nesse movimento, muitas histórias se encontram e se desencontram, alterando o significado para quem o habita.

O movimento da memória, junto com a reflexão do tempo e do espaço, remete a temporalidades e a espacialidades que nos marcam por ter sido construído no aqui e agora. Dessa forma, foi compreendido que o espaço vivido e habitado pelo aluno tem algo a dizer a respeito dos espaços marcados pelas trajetórias vividas. O ensino com essas articulações pode facilitar prováveis intervenções escolares, promovidas pelos docentes ao tratarem dos conteúdos escolares. Tal perspectiva de ensino é observada nas inúmeras produções de Paulo Freire, especialmente a partir da perspectiva problematizadora, que adotamos em nosso trabalho.

Nesse raciocínio, o círculo hermenêutico de Ricœur pode contribuir quando se pensa a história não somente como uma narrativa do que aconteceu, mas como interpretação a respeito dos modos como as coisas aconteceram de uma forma e não de outra. O conceito "habitar-construir" discutido por Paul Ricœur é alinhado aos conceitos de lugar e paisagem: o lugar como espaço de vida e o conceito de paisagem como construção desses espaços.

As atividades buscaram identificar as transformações da paisagem de Jaguariaíva a partir dos diversos fenômenos que historicamente têm contribuído para a configuração da paisagem do município. A Escarpa Devoniana, as áreas de reflorestamento, têm marcado a paisagem local, no entanto, o destaque é dado às edificações, iniciadas nas primeiras décadas do século XX, promovidas pelos empreendimentos da família Matarazzo.

Mediante as atividades, foram considerados os trabalhos com relatos narrativos, documentos escritos, imagens e as associações de memórias. Os alunos produziram textos, desenhos e escritos que registram processos de tomada de consciência dos lugares como espaços em que experiências acontecem, mudanças temporais são percebidas e histórias coletivas são traçadas. A história dos moradores locais é construída com seus sistemas de gestos, ritos, processos mediados socialmente. As atividades propiciaram a criação de sentido para o lugar como "espaço público de manifestação", que é uma construção ao mesmo tempo coletiva e individual. O lugar, com suas paisagens e memórias, foi ressignificado pelo estudo da localidade.

Referências Bibliográficas

ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. Teoria da História, didática da História e narrativa: diálogos com Paul Ricœur. **Revista Brasileira de História**. v. 32, n. 64. São Paulo: [s.n.], 2012, p. 187-210. Disponível: https://doi.org/10.1590/S0102-01882012000200011 Acesso em 08/03/2022.

BARROS, José D'Assunção. Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. Fênix (UFU. Online), v. 9, p. 1-27, 2012.

BRANDÃO, Ângela. **Memórias**: frigorífico das Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo em Jaguariaíva. Curitiba: PNUD, 2000, 149p.

CALANDRO, Thiago Luiz. **Memória e lugar: espaço-tempo no ensino de geografia**. 2020. 170f. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2020. Disponível: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194102?show=full Acesso em 20/01/2021.

EISFELD, Rozane de Loyola ; NASCIMENTO, F. A. F. ; HENTZ, Â. M. K. ; CORTE, A. P. D. ; SANQUETTA, C. R. . Mapeamento das áreas plantadas de Pinus spp. no estado do Paraná. ADVANCES IN FORESTRY SCIENCE, v. 5, 2018, p. 403-409.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, 53p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 281p.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2009.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Jaguariaíva**. Disponível: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/jaguariaiva/historico Acesso em 29/05/2018.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Campinas: Editora Unicamp, 1990, 553p.

MELO, Francisco Denis. Sobre a história, a memória, o esquecimento em Paul Ricœur - os labirintos da epistemologia e da hermenêutica. **Revista Historiar - Revista Eletrônica do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú**. v. 2. Sobral: UVA, 2010, p. 106-117.

RICŒUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007, 535p.

RICŒUR, Paul. Arquitetura e narratividade. **Geograficidade**. v. 11, n. especial, outono 2021. Niterói: UFF, 2021. Disponível: https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/50793 Acesso em 05/03/2022.

RICŒUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1997, 512p.

SILVA, Luiz César Kreps da. Tropeirismo. In: SCORTEGAGNA, Adalberto; REZENDE, Cláudio Joaquim; TRICHES, Rita Inocêncio. **Paraná - espaço e memória: diversos olhares histórico-geográficos**. Curitiba: Bagozzi, 2005, 408p.

Recebido em 15 de março de 2022.

Aceito para publicação em 29 de janeiro de 2023.